Grandezas e fronteiras do ego. A revolta da unidade em S. I. Witkiewicz

Michel Peterson*

RÉSUMÉ: En proposant une lecture du roman L'inassouvissement, de l'écrivain polonais Stanislaw Ignacy Witkiewicz, l'auteur analyse le rapport entre l'individu et le collectif pour montrer qu'ils n'appartiennent pas à un ordre représentationnel du politique. Le moi se donne à travers plusieurs figures symboliques qui s'intègrent à une historiosophie catastrophiste selon laquelle la chute des grandes individualités indique la perte des sentiments métaphysiques et le vertige du doute ontologique.

MOTS-CLÉS: individu, moi, collectif, politique, catastrophisme, métaphysique, ontologie.

EU! É agora que compreendo todo o preço,
todo o ouro, todos os dons celestes que se
ocultam no corpo dessa palavra sedutora e
terrível.

EU! É agora somente que compreendo
meus desejos, e meus esforços incessantes,
e minha dor.

Mircea Eliade, *O romance da adolescente
míope.*

A obra inteira do escritor polonês Stanislaw Ignacy Witkiewicz é marcada por irreduzível tensão entre o indivíduo e a sociedade, entre a ipseidade e a alteridade. Suas teorias estéticas e filosóficas, bem como sua

Michel Peterson é psicanalista membro da Escola Lacaniana de Montreal, tradutor e foi professor convidado do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

pintura, seu teatro e seu romance, formam um sistema conceitual e artístico complexo dentro do qual se opõem a identidade da Existência Particular e a totalidade das espécies, a Unidade e a Multiplicidade, o fatal gozo do sujeito e a desumanização inevitavelmente provocada pelo coletivo. A força de atração desses pólos depende de um questionamento metafísico e de uma filosofia da história que articulam uma utopia negativa cuja concepção está ligada a uma consciência histórica aguda da situação histórica da Polônia e da Europa do entre-guerras e das mitologias que tal situação compromete ou garante¹.

O esclarecimento do Mistério da Existência ardentemente desejado por Witkacy², por conseguinte, só parece possível no âmbito de um catastrofismo específico da Polônia, que Marek Kuran, um dos personagens de *A polpa*, de Jerzy Andrzejewski, qualifica, com ou sem razão, de *neostênico*, comparando-o com o *axolote*, uma espécie de salamandra que se reproduz por pedogênese, desenvolvendo-se a célula ovular no estágio larvar sem fecundação. Em outros termos, a Polônia seria um estado que «não abandona jamais o estado larvar e atinge em dado momento o que se chama puberdade, mas permanece larva por toda a vida³». Que se subscreva ou não esse julgamento severo, mas historicamente legitimado pelas quatro partilhas do país, isso não deve

¹Utilizo aqui as categorias propostas por Zbigniew Kubikowski em «L'invasion d'une autre planète». In: Jacek Trznadel, org. *La honte*. Entrevista com Z. K. Paris: Cerf, 1992, p. 53. A «situação histórica» constitui o conjunto dos acontecimentos que são conhecidos *post factum*. A «consciência histórica» pode ser definida como o conhecimento que os indivíduos têm da situação em que vivem. Enfim, a «mitologia» é formada pelo conjunto dos estereótipos que agem de alguma maneira sobre a consciência da situação. Creio ser necessário ressaltar que o triunfalismo corrente desde a queda do muro de Berlim e a pretensa democratização atual do mundo me parece dar margem a novas formas de mitologia, perigosas por serem estabelecidas com o objetivo de pôr fim ao político (como o demonstra o desprezo cada vez maior dos governos ditos democráticos e das multinacionais pelas sociedades civis) e de rejeitar como passeistas e não-pragmáticas as solidariedades viabilizadas pela manutenção da consciência histórica. A situação histórica atual (que vários partidários da Nova Desordem Moral procuram camuflar, pois teríamos justamente chegado ao fim da história) dos países do Leste impede-me, de qualquer forma, de nutrir esperanças tão sólidas quanto as formuladas, por exemplo, por Jeffrey Sachs em *Poland's Jump to the Market Economy* (Cambridge, London: MIT Press, 1993). Sachs conclui sua obra precisando que a Polónia, apesar de seu extraordinário espírito de inventividade, não poderá encontrar solução (isto é, aceder ao que se continua chamando, contra qualquer evidência, o livre mercado) a não ser com a ajuda dos países do Oeste. A ajuda... ou quando o economismo se reveza com o serafismo e o cinismo.

²Como ocorre habitualmente na crítica witkiewicziana, empregarei doravante o cognome *Witkacy*, a fim de distinguir Stanislaw Ignacy de seu pai, teórico muito influente e fundador da crítica de arte polonesa. Foi, aliás, o próprio Witkacy quem optou por tal assinatura.

³*Miazga*. Londyn: Puls, 1981, p. 295.

fazer esquecer que ele é formulado no âmbito de uma defesa e ilustração da idiossincrasia de um ser-no-mundo cujo caráter ontologicamente ético passa inevitavelmente pela linguagem que ele molda e que o molda. Na verdade, as palavras *axolote* e *neostenia* não existem, ou antes, são voluntariamente mal pronunciadas por Marek, que procura com isso driblar um de seus interlocutores, Adam Nagorski, escritor dito «autêntico» que se debate com um EU literalmente *inalterável* e com impossibilidade de representar-se sua própria morte. Pois, com efeito, lembra-lhe o escritor, *axolote* se diz *axolotle* e *neostênico*, isto é, a persistência da forma larvar durante o desenvolvimento de um organismo, é uma deformação de *neotenia*. Por que tais alterações, por apócope no caso de *axolot(l)e*, por epêntese no caso de *neo(s)tenia*? O próprio Marek responde, transformando-se, no plano da enunciação, em salamandra feroz:

— Evidentemente, responde Kuran, engulo as palavras como moscas e depois arranco-lhes as patas e as asas. A língua [...] não pertence nem à base nem às superestruturas, por conseguinte pode-se moldá-la em função de intenções subjetivas. Eu, por exemplo, *axolote* me convém mais do que *axolotle*. Como *caixote* ou *cachalote*. E *neostenia*, como *astenia*, eventualmente *neurastenia*. Tu, Adam, és um estilista notável, só que por vezes te falta altivez. Aliás, eu te compreendo. Reconhece tu és um *axolotle*, não é⁴?

L'animamorfose permite dissecar cruelmente as palavras por metaplasmas, o que é uma maneira de prevenir-se contra a ameaça que elas representam só pelo fato de poderem ser proferidas por outros. Uma vez engolidas e cortadas em pedaços, podem assim ser recompostas no horizonte do sujeito. O argumento apresentado por Marek visa, aliás, a adquirir altura em relação ao estilo, isto é, a legitimar sua própria meta cognitiva através da língua, a qual concretiza uma reflexão que ultrapassa o caso do Estado dito *neostênico* numa abertura para um problema de ordem muito mais geral, a saber, o da mutação da questão nacional em questão ética.

Ora, é no romance experimental desenvolvido por Witkacy e seus pares nos anos 20 e 30 que a reflexão e a visão disfórica de Marek são encenadas através de um trabalho excepcional sobre a língua e a forma. É naquele momento que os vanguardistas Tadeusz Peiper e Jan Brzekowski, bem como os futuristas Anatol Stern, Aleksander Wat, Roman Jaworski e Bruno

⁴ *Ibid.*

Jasienski rompem definitivamente com o realismo e com o nacionalismo da Jovem Polônia ⁵. Contra a idéia ingênua de uma auto-reflexão emancipatória que depende da reconstrução racional das condições pretensamente universais da Razão, os novatos adotam o catastrofismo historiosófico, verdadeira doutrina do mal-estar na civilização, mal—estar provocado, entre outros motivos, pela «gadização» dos homens e pelo desaparecimento dos sentimentos metafísicos que a religião, a filosofia e a arte tinham outrora, segundo Witkacy, a função de provocar. Sabemos agora que o mundo está desencantado, que o mal é constitutivo da História. É inútil defender-se estabelecendo uma tipologia das patologias da modernidade. Concordando em diversos pontos com a crítica weberiana da racionalidade instrumental, formal e discursiva que se instala a partir do século XVIII, e antecipando-se a vários pelas teses que serão defendidas pelos neomarxistas da Escola de Frankfurt (entre outras, a da necessidade de repensar a dialética do progresso na perspectiva de uma destruição da razão), esses escritores procedem à sua maneira a análises que questionam as bases da cultura e a ideologia da reificação, não buscando forjar conceitos que já pertençam formalmente às grandes metanarrativas, mas antes interrogando pelo ficcional a pertinência do real que serve de base à elaboração daquilo que Habermas denomina o «agir comunicacional». Em *O fim do mundo*, publicado em 1928, Konstanty Ildefons Galczyński toma, por exemplo, em relação ao absurdo do mundo, uma distância propriamente teatral que se exprime pelo recurso ao grotesco narrativo, à deformação expressionista e à ironia romântica. Igualmente herdeiros diretos de Witkacy, Bruno Schulz e Witold Gombrowicz substituem, com ele, a realidade transcendental do narrador onisciente por uma realidade imanente e fragmentada que se negocia e se dá numa dialética conceptual/ficcional da qual o monólogo interior e a destruição da lógica da concatenação passam a ser os principais instrumentos. Nessas condições, o autor «psiquiza» suas personagens⁶ e o leitor se debate com um texto

⁵A Jovem Polônia (*Młoda Polska*) é um movimento no seio do qual conflitam duas tendências: a tendência estetizante, inicialmente impressionista e depois simbolista, procura instaurar o programa da arte nova; a tendência engajada, de obediência romântica, dedica-se, por sua vez, à questão da independência nacional. Entre os representantes da primeira tendência (1890-1900), deve-se mencionar Stanisław Przybyszewski et Miriam (pseud. de Zenon Przesmycki); entre os da segunda, citemos Władysław Reymont, Stanisław Wyspiański, Stefan Żeromski, Leopold Staff e Tadeusz Miciński. A partir de 1905, todavia, domina a corrente nacionalista, influenciada pela primeira revolução russa. Para uma análise detalhada desses debates: Jean Lajarrige. *La Jeune Pologne et les lettres européennes. 1890-1910*. Warszawa: PWN, 1991.

⁶Sobre esta «psiquização», bem como sobre a passagem à realidade imanente, ver Artur Sandauer, «Rzeczywistosc zdegradowana» [«A realidade degradada»]. In: *Zebrane pisma krytyczne*, t. 1. Warszawa: PIW, 1981, p. 555-580.

cuja acontecimentalidade semiótica se insere numa topologia narrativa geral na qual o Ser constitui a propriedade invariante sempre identificável para quem sabe ler as deformações produzidas no discurso filosófico por organizações enunciativas que acarretam uma produção de inconsciente. É por isso que as interrogações de natureza política (quais são os modos de organização do viver-junto numa determinada forma de Estado?, quais são os mecanismos de poder que nela se esboçam?, etc.) remetem inevitavelmente ao nível existencial do sujeito humano (por que sou este ser e não um outro?, por que existo e qual é o sentido desta existência?, por que existe algo e não o Nada?, etc⁷), o único capaz de assumir o que se poderia denominar o trágico da forma.

Terminado este preâmbulo, gostaria agora de passar a analisar a relação que, em Witkacy, o indivíduo mantém com o coletivo, para demonstrar que a dificuldade de sua coexistência na Ontologia Geral provém do fato de que nem um nem outro pertencem a uma ordem representacional do político. Para tanto, debruçar-me-ei sobre a obra-prima romanesca de nosso autor, *A insaciabilidade* (*Nienacynienie*). Publicado pela primeira vez em 1930, este texto espantoso relata acontecimentos que ocorrem no início do século XXI. Congelada no estágio da democracia liberal, a Polônia resiste ao invasor chinês que domina a Europa impondo um comunitarismo que faz desaparecer a mônada biológica constituída por cada indivíduo no buraco negro da massa, absolutamente irrepresentável no âmbito das categorias do espaço e do tempo. Ela vai ceder, no entanto, não, como se poderia esperar, por causa da pressão externa, mas sim, por causa de uma capitulação inesperada e cujos motivos permanecem à primeira vista obscuros. O pano de fundo político é, porém, claramente estabelecido por Witkacy: «Homens de Estado de todos os partidos, que haviam perdido seus antigos particularismos, no bem-estar geral *artificial*, e padecendo no fundo de uma falta de idéias pseudofascistas, eram invadidos por uma amplidão de vistas e por uma despreocupação até então desconhecidas no país e que confinavam com uma espécie de lida idiotização. A viva muralha da China crescia e se fortificava, lançando uma sombra sinistra e amarelada sobre todo o resto da Ásia e do Ocidente⁸». Isso mostra a que ponto a

⁷Estas perguntas são explicitamente formuladas por Witkacy já em 1903, em seus *Marzenia improduktywa* [*Dywagacja metafizyczna*] (*Devaneios de um improdutivo* [*Divagações metafísicas*] (In: *Pisma filozoficzne i estetyczne*, t. III. Warszawa: PWN, 1977, p. 16-30). É, porém, na «Introdução filosófica» às *Nove formy w malarstwie* (*As novas formas em pintura*, 1919) que elas encontram suas primeiras e reais formas teóricas (In: *Pisma filozoficzne i estetyczne*, t. I. Warszawa: PWN, 1974, p. 3-131).

⁸*Nienasylenie. Dzila wybrane*, t. III. Warszawa: PIW, 1985, p. 47. As citações no texto serão doravante seguidas da sigla *N*, acompanhada do número das respectivas páginas.

Polônia está manifestamente num estado avançado de confusão provocado em grande parte por uma droga, o Davamesk B2, distribuída ilegalmente pelos espões que circulam no país. A euforia ilusória na qual estão mergulhados os partidos deve-se ao fato de que as individualidades perderam seus contornos, sua Forma inter-humana. A própria idéia de agrupamento político, sob qualquer forma, parece despropositada, vazia de sentido, totalmente improdutiva no plano do trabalho da significância societal.

Nessas condições, como poderia a voz do artista ser ouvida, como não se abismaria num tûmulo estelar aquele que procura falar em seu nome? Witkacy não nutre nenhuma ilusão quanto à função atribuída ao artista na sociedade. Seu realismo é atualíssimo. O genial compositor homossexual e pernetista Putricida Tangiê (retrato grotesco e expressionista de Karol Szymanowski) dirige-se ao escritor fracassado Sturfan Abnol nestes termos: «Podes imaginar-te escrevendo para teu próprio aprofundamento, mas socialmente não passas de um saltimbanco que diverte aquela elite de alma prostrada de tédio pela saciação de todos os seus desejos, aquela ex-elite que já não é mais do que uma ralé e que por milagre ainda se mantém na superfície entre nós, como uma espuma suja sobre a corrente violenta da nova humanidade nascente» (N, 40). Soberba lucidez, que obriga à gratuidade do louco ou do iluminado diante dos jogos de interesse do poder político e econômico, diante da brutalidade, da barbárie, da ignorância, da perfídia, da hipocrisia e da mediocridade. Quer dizer: diante do mal racionalmente praticado e constitutivo da história humana. Em Witkacy, o Ser constata muito cedo o determinismo maligno. O herói da *Insaciabilidade*, Gerarquejo Da Pena [Quejinho], descobre isso efetivamente quando tem apenas sete anos e é iniciado nas perversões auto-eróticas por seu primo Tadeu [Deuzinho]: «De qualquer forma, Quejinho sempre tinha a impressão de que, entregando-se às práticas de Deuzinho, cometia algo puerilmente «ungentlemanlike», algo *mau*. Mas esse mal era de uma dimensão completamente diferente das lições não estudadas, da fúria contra seus pais ou das implicâncias com sua irmãzinha [...]. De onde vinha esse sentimento do mal e por que ele era a seguir invadido pela tristeza e pelos remorsos, é o que ele não podia compreender» (N, p. 17). Evidentemente, não seria difícil ler nessa interrogação os vestígios de uma culpabilidade de origem religiosa. Mas o sentimento do pecado provém menos, aqui, da religião como tal do que da entrada da personagem na espiral agressão-culpabilidade que caracteriza a formação dos grupos humanos de base e a descoberta da ilusão política na medida em que ela

representa «a esfera mais íntima da experiência humana»⁹. A impossibilidade de atribuir uma origem ao mal marca a revelação daquela ilusão a partir da qual o homem não avança mais senão para desaparecer e não é livre para tomar decisões se estas não o aproximam do inevitável apocalipse. Ao mesmo tempo angustiado e entusiasmado, Gerarquejo caminha para seu destino tão decididamente quanto a Polônia ou o mundo para os seus. Sua vontade se resolve no trágico, e o destino, ainda e sempre, continua certo da vitória. Ignorando as fontes de sua existência e de sua presença, todo homem, grande ou pequeno, só vive para se afazer a sua única certeza: a de que morrerá inexoravelmente.

As inquietudes astronômicas

A *insaciabilidade* abarca vários modelos romanescos ocidentais e inclui os dados genéticos do expressionismo, do futurismo, do construtivismo, do surrealismo e do existencialismo. Romance-quarto-de-despejo, portanto, onde se cruzam, num gigantesco caleidoscópio metatextual, o romance de formação (*Bildungsroman*), o romance autobiográfico, o romance psicanalítico, o romance de antecipação, o romance filosófico, o romance político e o romance metapornográfico. É todavia menos o conteúdo de tais modelos que interessa a Witkacy do que sua forma, na medida em que é a própria construção que dá acesso ao Mistério do Ser e às leis cósmicas, como explica Tangiê: «— A forma, repetiu ele, a forme em si, que exprime diretamente o Mistério do Ser. Além, não há senão a obscuridade. As idéias não bastam. [...] Não há mais senão a forma que ainda exprime algo» (N, p. 69). Nada de muito surpreendente nestas palavras atribuídas ao compositor por um escritor que desenvolveu, no teatro e na pintura, a teoria da Forma Pura, teoria estética que insiste no fato de que a significação da obra de arte provém da construção e só é perceptível pelo espectador se o artista procede a uma organização rigorosa da multiplicidade dos materiais de tal forma que constituam uma unidade indissolúvel. Longe de ser congelada e abstrata, essa construção recebe sua dinâmica da história, pois é percebida de maneiras diferentes de acordo com as épocas. Em outros termos, a desconfiança em relação ao conteúdo não acarreta absolutamente uma queda do sentido, mas, pelo contrário, sua libertação. O fato de Witkacy não considerar seus romances como obras de arte — uma vez que as

⁹Pierre Kaufmann. *L'inconscient du politique*. Paris: Vrin, 1988, p. v.

numerosas distorções narrativas e parataxes filosóficas revelam a dificuldade do romancista em objetivar formalmente sua intenção subjetiva — importa finalmente muito pouco quando se compreende que *A insaciabilidade*, como também o poema sinfônico de Tangiê, *Diarréia dos deuses*, constitui «uma verdadeira torre de Babel de temas não coordenados entre si» (N, p. 73) e que o sentido reside justamente nessa multiplicidade dos idiomas entendidos como imagens obsessivas de um indivíduo presa de delírios de toda espécie.

Dividido em duas partes, «O despertar» e «A loucura», o romance apresenta essencialmente o percuso iniciatório de Gerarquejo Da Pena, filho de uma condessa profundamente crente de origem húngara e de um pai autoritário, proprietário de uma cervejaria, o que explica seu cognome irônico de «rei do lúpulo». Encharcado na estrutura edipiana, o jovem procura transpor as fronteiras de seu ego, o que faz de sua experiência, como se verá, a metonímia daquela que a Polônia viverá quando for invadida por aqueles que o narrador chama de «diabos amarelos», isto é, os chineses. Após ter conhecido uma infância um tanto perturbada, após ter vivido o embrutecimento das batalhas e dos esportes (constituindo para ele a mania de soltar os cães amarrados parte das atividades físicas essenciais), bem como um período de intensa sublimação interrompido pela escola, ele adquire certos conhecimentos fundamentais com base nos quais tenta sem sucesso saciar-se intelectual e sexualmente.

Sua primeira conquista é de monta. Gerarquejo aprende, com efeito, que o conceito de causalidade não permite dar-se conta da existência e de sua origem, pois o Mistério da Existência reside antes no acaso. Por isso encasqueta a idéia de imprimir a este e aos Grandes Números uma «direção consciente» a fim de dotar-se de uma individualidade: «ele também seria uma partícula nesta corrente, e não um trapo desorganizado, não uma pedrinha perdida entre rodas dentadas» (N, p. 52). Pego como Pascal entre os dois infinitos, Gerarquejo recusa submeter-se e quer dispor de si próprio por sua ação e seu juízo. Essa decisão irrevogável merece ser levada a sério por pelo menos duas razões: primeiramente, porque para Witkacy sua sorte simboliza a da humanidade inteira no limiar de seu desaparecimento: «Em ti, explicar-lhe-á a princesa Firina, se reflete toda a humanidade, como uma nuvem que passa diante de um pequeno espelho» (N, p. 266); a seguir, porque ela fixa o momento da renúncia ao conhecimento em prol da vida. Nosso aluno sabe disso, ele que decide então escrever seu diário (seu «monstrinho», como o qualifica), que o doutor Wuchert só publicará em 1997 sob o título *Agenda de um esquizofrênico*. Este título, aliás, diz muito sobre a percepção que Gerarquejo tem de si mesmo e sobre a visão da humanidade que projeta. Na verdade, sua aprendizagem consiste em

espreitar todos os sinais que poderiam eventualmente anunciar «o instante da revelação» ou, com diz Tangiê com uma inspiração kierkegaardiana, «o início da loucura» (*N*, p. 56). Quando esperaríamos uma aprendizagem clássica, assistimos à desagregação total da personalidade de Gerarquejo, sendo a dissociação nele um sintoma crônico, pois a existência é baseada, no âmbito da Ontologia Geral, numa Unidade dual e essencialmente misteriosa. A definição «clássica» da loucura fornecida a Gerarquejo por Tangiê, espécie de Gilles de Rais da música, não deixa dúvida alguma: «A incomensurabilidade da realidade com um estado interior, levada a um grau que ultrapassa as normas de segurança admitidas em determinado meio.» Apesar do perigo potencial para si e para os outros, o essencial é «conservar o pleno valor dessa estranheza» (*N*, p. 69-70), pois só ela permite tirar lucro das representações, em princípio independentes entre si, que formam o tecido do real. Gerarquejo só poderá, portanto, contemplar o Mistério da Existência quando passar, para retomar os termos de Eugen Bleuler, da *Zerspaltung*, isto é, do estouro mental primário, à *Spaltung* em si, isto é, à clivagem do próprio pensamento. Precisarás desatar sua libido para conhecer a *força* de sua loucura e de sua clivagem. A prática sexual lhe ensinará assim que seu corpo é uma «só ferida» presa «no espaço vazio entre dois sócias» (*N*, p. 262). Experiência interior extrema que resulta de ensinamento da princesa Firina, dita «Duquesa do Esperma». É ela quem porá em funcionamento os *lógoi spermatikói*¹⁰ e o levará a fazer imensos progressos no domínio da erotologia pura, isto é, simultaneamente no domínio do discurso amoroso e da razão prática de eros.

Quando penetra na casa de princesa, Gerarquejo encontra muito mais do que um membro de família soberana. A imperatriz do corpo aparece como uma «superfêmea desnaturada» (*N*, p. 43) cujo filho é — curioso acaso... quando se lê que os chineses chupam o sangue da raça branca (*N*, p. 139) — embaixador na China, o que explica talvez o fato de ela possuir um buldogue chinês. Serão suas funções ou sua ociosidade que a fazem devorar as biografias das soberanas criminosas e das cortesãs demoníacas? Ou será antes para aperfeiçoar seus métodos de tortura pelo gozo infernal? Podemos responder afirmativamente a ambas as perguntas se nos fiarmos nas palavras do narrador quando este descreve a ternura materna que demonstra para com Gerarquejo esta «besta ferina»: «Gerarquejo, [...] aterrorizado pela situação, fitava com um ar desvairado seu algoz e parecia-

¹⁰Limito-me aqui evidentemente a uma simples analogia com as razões seminais estoicas, designando o lógos neste caso uma entidade fechada que contém em si, à imagem do esperma animal, os elementos de crescimento dos indivíduos.

lhe que neste instante fugaz ela devorava em frangalhos sangrentos, recém-arrancados de suas entranhas palpitantes de mistério, a vida inapreensível e longínqua, a vida com V maiúsculo» (N, p. 110). Sarcófoga, rapace e cúpida, a princesa se nutre da carne humana condimentada com sangue, quente ou frio, vermelho ou azul, conforme a receita.

Essa violência pode, à primeira vista, parecer banal e, de qualquer forma, muito menor do que aquela desdobrada, por exemplo, em *O cento e vinte dias de Sodoma*. Porém Witkacy freqüentou a escola de Sade e seus professores lembram-se de um aluno brilhante, curioso, sempre em busca de saber. É esse gosto pelo desconhecido que o leva a oferecer-se em sacrifício àquela que, além de seus atributos de carnívora, possui e acumula os de Ísis e de Ishtar: simbolizando o princípio feminino universal e comandando, entre outras coisas, a morte, ela preside, na qualidade de deusa da fecundidade, às transformações dos seres. Ao entrar em sua casa, Gerarquijo sabe o que o aguarda: «Passou pelas colunas do pórtico de entrada como um animal conduzido ao templo para o sacrifício ritual» (N, p. 106). Sua «deflorestangulação» (*rozdlawdziewicznie*) vai muito além de uma ruptura do hímen, o que traduz perfeitamente seu estado de extrema agitação, sinal precursor do gozo infernal e absoluto. Trata-se de um sacrifício total, tomado não na perspectiva econômico-cristã da salvação, mas na perspectiva da despesa pura, improdutivo. A beleza da imolação provém do fato de o sangue correr *por nada* e de ser realizado, para falar como Bataille, «o acordo íntimo entre a morte a vida¹¹ » pelo qual nasce para si mesmo um homem — «isto é: um canalha sem ideal, um parasita social com o máximo de orifícios de sucção, um gozador a—metafísico, numa palavra, um malandro» (N, p. 156-157) — no horizonte irônico do trágico e do silêncio augural.

É evidentemente o quarto de dormir da princesa que exerce o ofício de altar na medida em que ele adquire, por assim dizer, a própria forma da genitalidade e da consumação sem limites: «Toda a peça dava a impressão de ser um único enorme órgão sexual» (N, p. 123), feminino, é claro. O sacrifício realiza-se no momento preciso em que Gerarquijo vê e toca o sexo ruivo da sacerdotisa Firina, deusa que assume os traços de uma vaca impudica e de uma fêmea de veado, de crocodilo ou de capivara. Mas o que é que ele vê e toca exatamente? Sua perda. Vale a pena citar quase integralmente a extraordinária passagem em que ocorre o *acontecimento*:

¹¹«Le sacrifice». In: *Oeuvres complètes, t. II. Écrits posthumes 1922-1940*. Paris: Gallimard, 1970, p. 238.

Ela tomou a cabeça dele entre as mãos e o obrigou a se ajoelhar, enquanto ela mesma se expunha infernalmente como um horrível pesadelo. E a seguir começou a enterrar lá sem piedade aquela cabeça e aquele rosto tão desejados. Mas ele, homem à beira da queda, defendendo-se diante de maldição de toda uma vida [...], embora já virtualmente caído e degringolando ladeira abaixo, lutou pelo instinto de sua personalidade contra a multiplicidade das existências e o tropel que elas criam por necessidade metafísica. Era dilacerado de todos os lados. Sufocava, vomitava para dentro, agitava-se e soprava como um cavalo, pois tinha diante de si a coisa que mais temia. Não tinha o menor desejo de lhe agradar, sem citar o fato de que não estimava em seu justo valor o que lhe era dado contemplar. Uma espécie de monstro sombreado de cabelos ruivos (a princesa desprezava qualquer artifício), estranho, repugnante, rosáceo, cheirando a inferno (sem dúvida) e a frescor do mar e ao melhor tabaco de Rothman e à vida perdida para sempre — é isso que era; [...]

E sacudindo sua crina para trás, ela lhe estendeu de novo sua boca, essa coisa de uma indecência sem igual, repugnante de luxúria lesmenta, a tal ponto que ele tremeu de alto a baixo de uma desumana tortura de repulsa em relação à coisa que mais desejava, repulsa ligada todavia a um sentimento de prazer e de profundo orgulho: apesar de tudo, ele beijava realmente (N, p. 130).

Não é necessário forçar a leitura para compreender que os lábios do sexo estão em comunicação com os do rosto. Beijando uns, Gerarquejo, tragado pela vertigem buco—vaginal, fala inevitavelmente com os outros. Basta unir as línguas para transar com os monstros e para farejar a matriz do «ANJO DE DEVASSIDÃO». Só a visão da «xoxota ruiva turbilhonante» que oculta o mistério (N, p. 126) já transforma o órgão masculino em ferida, em fenda que *faz as vezes* da da mulher e leva tanto o carrasco quanto a vítima «à altura de morte»¹². A cunilíngua metafísica é uma figura imposta pela celebrante, pois ela sabe que atrás de sua vulva se esconde o Mistério da Existência, isto é, uma outra vulva, a qual, como o véu do tabernáculo, sempre esconde uma outra *ad infinitum*. Este é o «buraco sem fundo», irrepresentável e paradoxal da insaciabilidade, que o supliciado há muito tempo procurava ver: «Ele estava debruçado sobre esse precipício. Mas debruçado *para onde?* Esse abismo não era um espaço... Essa ignorância de si mesmo tornou-se ao mesmo tempo o cúmulo da consciência» (N, p. 75). Um leitor e uma leitora atentos poderiam ser tentados a perguntar: «O

¹²*Ibid.*, p. 243.

que é um abismo que não é um espaço?», ou ainda, considerando o longo extrato acima citado: «Come se pode 'vomitar para dentro'?» De uma cajadada matarei dois coelhos e só darei uma resposta.

Sabemos agora que é o próprio fato de lamber o sexo de Firina que transforma Gerarquejo em vítima. Por mais estranho e incomum que pareça o ritual, ele o mergulha em todo caso no informe, o que o leva a perguntar-se como agiriam grandes individualidades tais como Napoleão, Lênin ou Pilsudski em idênticas circunstâncias. Essa dissolução atende a um anseio que ele formula explicitamente em numerosas ocasiões ao longo de sua iniciação: matar suas antigas personalidades tão logo transponha uma nova etapa. Vários meios se lhe oferecem durante seu percurso. Foi introduzido na embriaguez e conhecerá cedo os cimos dos estupefacientes a fim de tomar consciência de que o rasgamento do véu da realidade, e depois, da própria realidade, corresponde a seus dilaceramentos interiores. Pairando acima da matéria, chegará ao país da «Bolacha Negra» e encontrará aquilo que o narrador nomeia, evocando as experiências de Tangiê, um mestre na matéria tão devotado quanto Timohty Leary, seu «ego não-espacial» nos confins «do nada atualizado e da solidão absoluta *quase* metafísica» (N, p. 44-45), não-lugar em que aparecem os conceitos-limites.

«Solipsista prático» (N, p. 237), Gerarquejo vai, todavia, cada vez mais longe. Além de assassinar suas próprias personalidades, experimenta o assassinato do outro. Fere selvagememente a golpes de martelo o coronel Weborek, homossexual notório e platônico, depois estrangula Elisa, sua própria noiva. Cometendo tais gestos, indo até o limite do monstruoso (não lhe confia Tangiê estar sonhando em estrangular toda a sua família?), atinge a «profundidade da vida», isto é, o famoso «buraco sem fundo» onde se encontram o indivíduo e o social fora da representação e perante o Ser. O assassinato *gratuito* — mas de uma gratuidade surrealista — faz surgir no Real impossível a lei da Existência: «Ser este e não outro — ah! que maravilha poder sentir a necessidade absoluta neste reino inaudito do acaso e do não-senso que é a *existência* nua, além das ficções das leis sociais que só escondem contingências vergonhosas» (N, p. 371). Gerarquejo pode «vomitar para dentro», pois a falência da representação torna concebível um novo tipo de espaço no seio do qual o buraco não é senão uma superfície que reflete o indivíduo que procura vará-la. Entrar na cavidade implica uma impossibilidade ontológica. O que equivaleria, efetivamente, a fazer explodir pura e simplesmente o mundo e o existente.

Durante sua travessia, Gerarquejo conserva, portanto, cinzas, suas próprias cinzas. A acumular os cadáveres dos seres insaciados que ele foi, prefere incinerá-los a fim de manter ardente o fogo e de conservar o que se

poderia chamar a *memória cinzada* de suas antigas individualidades, memória que lhe lembra a multiplicidade dos tipos humanos e das Existências Particulares. Na verdade, a extinção jamais é total, sempre subsiste um resto. É o que lhe ensina a morte *incompleta* de seu pai: «O velho vivia nele, e quando já era incognoscível na realidade, pusera-se a crescer como uma nova personalidade tornada monstruosa, criada pela extrapolação fora do campo da percepção e evidentemente falsificada — havia crescido até as dimensões de um titã onipotente» (N, p. 230). O trabalho do luto é um trabalho de escavação, um trabalho criptonímico durante o qual se organiza a sobrevivência do morto na memória do corpo a-fenomenal. Enquanto entre céu e terra voam as cinzas, instala-se uma economia inédita, uma economia que faz da repetição o trampolim para o porvir do Ego.

A Existência Particular, ou a Unidade, ou o Ego, se oferece, todavia, através de figuras no mínimo inesperadas. Durante um sarau na casa da princesa Firina, Gerarquejo chega a saber que ela exerce o mecenato, embora cuide para manter os verdadeiros artistas no limiar da pobreza. A razão de tal cinismo romântico salta aos olhos: não se cria bem senão no sofrimento. É então que o aluno «candidato-cadáver-psíquico», percebendo a monstruosidade da carniça de vermes, sente subir em si uma energia desconhecida: «Gerarquejo sentiu em si como um pólipó feroz que se agarrava às paredes colantes e inflamadas de sua alma e que trepava cada vez mais alto (na direção do cérebro, talvez?), fazendo de passagem cócegas em lugares outrora insensíveis, de maneira voluptuosa e impiedosa. Não, ele não sofreria em vão» (N, p. 36-37). A metáfora do «pólipó feroz» deve prender por um momento nossa atenção, pois a palavra *pólipó* possui uma significação medical e uma significação zoológica, ambas fundamentais no contexto. No plano anatômico, sabe-se que o pólipó designa uma excrescência fibrosa ou mucosa, implantada por um pedículo. Fala-se assim do pólipó do intestino grosso e do pólipó do colo uterino. No âmbito da zoologia, o pólipó designa animais aquáticos, por exemplo, as medusas e as hidras, que vivem de presas capturadas com seus aparelhos urticantes. Witkacy superpõe as duas significações. O crescimento externo de Gerarquejo, com efeito, só é possível se aparecer uma excrescência interna, um tumor, um novo tecido. Sem cair em uma zoopsia malsã, deve-se igualmente ressaltar que os pólipos celenterados, embora não pertencendo à mesma família que os polvos (os quais fazem parte da classe dos moluscos superiores denominados cefalópodes), compartilham com estes últimos no imaginário witkaciano certas características comuns altamente

significantes, tais como a moleza do corpo e seus tentáculos.

Ora, não é necessário ser muito esperto para conectar o simbolismo do polvo com o problema do Mistério da Existência. Não simbolizam os braços do polvo justamente a insaciabilidade de quem jamais larga sua presa? Daí até as questões de poder suscitadas pela dialética Unidade-Multiplicidade, Indivíduo-Coletivo, só há um passo a dar. Uma das mais célebres peças de Witkacy, justamente intitulada *O polvo*, não deixa nenhuma dúvida quanto à natureza política do conflito que está na base da sociedade da Hircânia — uma região da Ásia Central que faz parte da Média e do Império Persa — dirigida por Hircano IV¹³, rei oportunista e maquiavélico que, para se manter no poder, pode adotar do dia para a noite qualquer fé, parecendo ser essencial preservar o elo religioso, como lhe lembra o papa Júlio II: «Sem religião, não há Estado à maneira antiga. Não pode passar de um formigueiro». Ao que, todavia, Hircano IV replica: «— Não, não — não um formigueiro organizado, mas um monte de gado espalhado, sobre o qual eu e meus amigos exercemos o poder»¹⁴. De fato, o religioso excogitado pelo Santo Padre carrega consigo todo um arsenal ideológico cujo princípio é a separação entre o religioso e o político, o primeiro dominando o segundo, ao passo que o religioso concebido por Hircano IV parte antes de uma adequação entre as duas esferas. É verdade que tanto um quanto o outro relegam estrategicamente o elo entre o desenvolvimento das sociedades e a mutação das formas e dos conteúdos da religião, funcionando esta então exclusivamente a partir de modelos artificialmente estáticos¹⁵. Sem dúvida, o soberano vê com bons olhos este «equilíbrio» necessário, na medida em que ele é na verdade uma espécie de super-homem que cria realidade dando corpo a seus desejos hircânicos, isto é, seus desejos de absoluto, de qualquer ordem. Mas esse super-homem não pode ser confundido como o super-homem nietzschiano: «— O quê? Eu, adepto de Nietzsche? Por favor, pede Hircano IV, não me insulte. Ele não era mais que um filósofo da vida para os débeis desejosos de se drogarem com qualquer coisa. Não admito

¹³Na verdade, a história reteve Hircano I e Hircano II, ambos sumos sacerdotes judeus asmoneus. Príncipe além disso, o primeiro reinou de 135 a 105 a.C. e submeteu-se a Antíoco VII antes de retomar, após a morte deste, a Samaria e a Iduméia. Hircano II, por sua vez, foi etnarca dos judeus de 47 a 41 a.C., tendo a realeza ficado nas mãos de sua mãe.

¹⁴*Matwa czyli Hyrkaniczny swiatopoglad*. In: *Dziela wybrane*, t. V. Warszawa: PIW, 1985, p. 144. Doravante: *M*.

¹⁵Sobre os debates em torno das mutações da religião, remeto a Robert Wuthnow: «Understanding Religion and Politics». *Daedalus*. Cambridge: American Academy of Arts and Sciences, v. 20, n. 3, summer 1991, p. 1-20.

nenhuma droga, nem a Arte, portanto» (*M*, p. 143-144)¹⁶. O lado dionisiaco de Nietzsche só serve para afogar a consciência e, portanto, para fazer recair as individualidades excepcionais ao nível da massa insignificante e improdutiva. O corte entre a Unidade e a Multiplicidade é, contrariamente ao que afirma Bohdan Michalski¹⁷, total, e certamente não é a oposição proposta por Hircano IV entre a dialética e a realidade que pode consertá-lo:

O resultado é que vivemos nossa vida no ápice daquilo que é possível nesta nossa maldita bola terrestre e que não nos deixaremos decair num eterno conchavo com a força crescente da adesão social e da organização. Alguns me consideram um anarquista. Cuspo em suas opiniões rançosas. Quanto a mim, fabrico super-homens. Dois, três — basta. O resto é um magma — um queijo para os vermes. Our society is as rotten as a cheese. Quem disse que nossa sociedade era tão podre quanto um queijo (*M*, p. 143)?

Pouco importa que se esteja de acordo ou não com a opinião do rei, este tem as rédeas na mão, mesmo quando sai do palco deixando no chão pacotes e roupas a fim de significar que o Estado da Hircânia finalmente não passa de mais uma «vulgar mistificação teatral». De qualquer forma, mesmo aqueles que conseguem elevar-se, enquanto mônada biológica, acima da massa cinzenta não passam de «jóias inertes». É, em todo caso, o que a

¹⁶A peça, que data de 1922, retoma quase literalmente uma passagem das *Novas formas em pintura*, que data de 1919. Evocando a elevação do nível geral da sociedade, mas também a dificuldade de encontrar individualidades superiores do tipo Ramsés, Witkacy escreve: «É isso que ocorre, até um certo ponto, e tudo seria ótimo se a evolução fisiológica e espiritual pudesse acompanhar a da sociedade, se pudessemos produzir, como queria Nietzsche, uma raça de super-homens. Mas tudo isso não passa de sonhos de um artista fracassado e impotente que se pôs a divagar sobre o tema da vida e a fabricar drogas para os indivíduos semelhantes a ele, pois absolutamente não se pode qualificar Nietzsche de filósofo. Somos estreitamente limitados para tudo o que diz respeito à criação de novos tipos de homens.» *Op. cit.*, p. 111.

¹⁷Escreve Michalski: «Duas coisas decidem o valor da filosofia witkaciana do ponto de vista do leitor de hoje, portanto do ponto de vista de sua atualidade (se é que se pode falar de atualidade em relação à filosofia). É, em primeiro lugar, a crítica do modelo cientista da consciência e, em segundo lugar, uma tentativa de reconciliação do individualismo com o pluralismo no seio de uma mesma ontologia. Em outros termos, é uma defesa da individualidade ontológica do indivíduo que não renuncia, no entanto, à coexistência com uma multiplicidade de outros indivíduos igualmente autônomos.» Introdução ao *Cahier Witkiewicz n. 5. «Witkiewicz et la philosophie»*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1984, p. 7. Se essa reconciliação é efetivamente tentada na esfera da filosofia, a ficção witkaciana demonstra, a meu ver, sua impossibilidade radical e, diria mesmo, existencial.

belíssima ruiva Serafombix lança ironicamente ao rosto do Almirante em *A independência dos triângulos*: «Tu resrepresentas o ápice do homem contemporâneo e com isso não és para mim mais que um troço minúsculo e repugnante»¹⁸. Por mais titânico que queira ser, o Almirante mal chega a participar contra a vontade de uma humanidade calcada nas sociedades de insetos em todos os escalões. É o que constata o General Viviani no momento em que profere uma conferência perante o estado-maior de seu exército: «— Pois sim! Eles são todos mecanizados. Ainda dez anos deste sistema e vou te dizer que a próxima geração não diferirá mais em nada dos insetos. Por ora, estou lendo à noite na cama as *Lembranças entomológicas* de Fabre e posso representar-me a humanidade futura com bastante aproximação, acredito» (*M*, p. 514-515). Embora nada tenha de original, a analogia estabelecida por Viviani possibilita ilustrar a dificuldade que representa a passagem da Unidade a uma Multiplicidade confusa que aniquila vorazmente qualquer Identidade Particular Efetiva que a ela se apresente. Em *A graça e os espantalhos*, essa *absorção* da energia pelo buraco negro da massa encontra-se explicitamente relacionada com a degenerescência da consciência de si. Sir Grant, eminente químico e fisiólogo, suicida-se ao constatar que a pílula verde por ele inventada para curar a insaciabilidade comporta riscos mortais. Sofia, uma bela demoníaca de cabelos loiro-ruivos, comenta então: «— Vejam — este é o maior homem entre nós e entre muitos outros. Morreu como um animal, como um inseto, com a consciência de que hoje não vale mais a pena ser um homem. Lamento não poder devorá-lo como uma fêmea de escorpião»¹⁹. Impossível sustar o processo de universal devoração, o que certamente corresponde à historiosofia catastrofista segundo a qual a queda dos grandes homens, isto é, da figura do Uno, assina ao mesmo tempo a perda dos sentimentos metafísicos e o fim do mundo.

Não obstante, Witkacy muito cedo procurou pensar *positivamente* ou, melhor, *sistematicamente*, a relação do indivíduo com o coletivo no âmbito da Ontologia Geral. Após ter exposto sua filosofia na «Introdução filosófica» às *Novas formas em pintura*, abre o capítulo consagrado à arte pura tentando mostrar a relação dos sentimentos metafísicos com o conjunto da vida psíquica. Propõe para tanto um esquema estabelecido a partir de uma analogia espistemológica (e artificial) entre a química orgânica e seu próprio sistema artístico. O indivíduo, a Existência Particular, assume então a fi-

¹⁸ Niepodległosc trojkatow. In: *Dziela wybrane*, t. IV. Warszawa: PIW, 1985, p. 490.

¹⁹ Nadobnisie i koczodany czyli zielona pigulka. In: *Dziela wybrane*, t. V, p. 199.

gura do anel de benzeno (isto é, do carbureto de hidrogênio). Esse anel é dividido em quatro camadas: no centro — isto é, no nível mais profundo do anel —, os sentimentos metafísicos; depois, de dentro para fora: o sentimento da vida, o intelecto e a Forma Pura sobre o fundo da qual emerge a obra de arte²⁰.

Ora, essa analogia baseia-se no princípio de individuação, o qual, embora determine as obras de arte plásticas de Witkacy, parece difícil de ser mantido no caso das obras teatrais e romanescas. Por quê? Simplesmente porque as obras cuja matéria privilegiada é a escritura e a oralidade implicam necessariamente uma negociação com o outro, uma ruptura da concha da mônada. Frente à alteridade do outro e de si, a Existência Particular conhece o heterogêneo e começa, como diria Cioran, a *pensar contra si*:

Resistindo a admitir a identidade universal, colocamos a individuação, a heterogeneidade como fenômeno primordial. Ora, revoltar-se é postular essa heterogeneidade, é concebê-la de alguma maneira como anterior ao advento dos seres e dos objetos. Se oponho a Unidade, única verídica, à multiplicidade, necessariamente mentirosa, se, em outras palavras, assimilo *o outro* a um fantasma, minha revolta se esvazia de sentido, ela que, para existir, deve partir da irredutibilidade dos indivíduos, de sua condição de mônadas, de essências circunscritas. Qualquer ato institui e reabilita a pluralidade e, conferindo à pessoa realidade e autonomia, reconhece implicitamente a degradação, o fracionamento do absoluto. E é dele, do ato, e do culto que a ele se prende, que procede a tensão de nosso espírito, e essa necessidade de explodir e de nos destruímos *no cerne da duração*. A filosofia moderna, instaurando a superstição do Ego, fez dela o impulsor de nossos dramas e o pivô de nossas inquietudes. Lamentar o repouso na indistinção, o sonho neutro da existência sem qualidades, de nada adianta; nós nos quisemos *sujeitos*, e todo sujeito está em ruptura com a quietude da Unidade²¹.

É uma tal ruptura que Witkacy consuma, consciente da heterogeneidade a ponto de ir até o suicídio. Enfrentar sua própria individuação na imensidade cósmica, viver pragmaticamente a dialética verdade-mentira, obriga a uma revolta tenaz, violenta, sem trégua, por si e pelo outro. A ferocidade do pólipo atinge aqui a propriedade dissolvente do benzeno para afirmar até a morte a Verdade da Unidade. Se Gerarquejo, ao transpor as fronteiras de

²⁰ *Nowe formy w malarstwie*, p. 12-13.

²¹ *La tentation d'exister*. Paris: Gallimard, 1956, p. 21 (col. Tel).

seu ego, representa de fato a humanidade, capta-se a importância de sua tomada de consciência do heterogêneo, da fragmentação da totalidade. Isso explica a entrada da segunda parte da *Insaciabilidade*: «Tempos terríveis haviam chegado para Gerarquejo Da Pena. Seu único consolo era que tempos semelhantes haviam chegado para quase todos» (N, p. 223). A perda da soberania das Existências Particulares favorece indubitavelmente a invasão chinesa. A guerra torna-se iminente.

A t(r)opical Poland, a tpical China

A *insaciabilidade* não é o único romance polonês do entre-guerras a tematizar o perigo amarelo²² e a relacioná-lo com a questão do mal na história. Em contrapartida, é ele que estabelece da maneira mais firme um elo entre seu avanço e o da mentira comunista, a qual não tem nada a invejar às mentiras capitalista e socialista. Witkacy condena efetivamente tanto a ditadura do capital quanto a do proletariado. De qualquer maneira, toda forma de igualitarismo não constitui senão uma dificuldade suplementar para as Existências Particulares. Por exemplo, longe de glorificar os camponeses ou de mostrar sua importância numa eventual revolução cultural, ele insiste em sua psicologia de rudes: «No campo, evidentemente, ninguém compreendia nada — o camponês é uma coisa desesperadamente morta, um material que convém perfeitamente ao adormecimento ideológico da democracia insípida» (N, p. 108). É difícil imaginar Witkacy indo faceiramente para os campos, com o coração satisfeito por deixar sua cabeça de intelectual no vestiário para ir viver as alegrias da dialética recolhendo batatas e arroz. Contra o nivelamento dos valores, contra «o Satã do tédio mecanizado» (N, p. 104), ele pende para um chefe robusto e musculoso. Sem chegar a desejar no plano do governo a ditadura, favorece pelo menos um modelo oligárquico no qual os poderes estão concentrados num número mínimo de indivíduos.

Antes de morrer, o pai de Gerarquejo Da Pena o confia a um estranho general. Erasmo Porreira é a própria figura do titã salvador da humanidade. Na qualidade de chefe supremo dos exércitos poloneses, convoca por escrito nosso aluno e o intima a freqüentar durante seis meses um curso acelerado de formação de oficiais da Escola de Instrução Militar. A aprendizagem prossegue: após haver conhecido o álcool, os estupefacientes, o sexo, o crime, deve agora submeter-se a uma disciplina nova.

²² *Lúcifer desempregado* (1927), do grande Aleksander Wat, aborda igualmente essa questão no âmbito do catastrofismo.

Nosso jovem passa, no entanto, progressivamente ao segundo plano para ceder o lugar ao general, cujo papel político se torna crucial num contexto em que o inimigo chinês se encontra nas fronteiras do país. O «herói» da primeira parte do romance simbolizava a humanidade inteira; dá-se o mesmo com o «super-herói», guia «esclarecido» que encarna a consciência de si e a liberdade de fazer surgir a qualquer momento «o inesperado» de uma situação individual ou coletiva. Sem conhecer o pensamento de seu pai adotivo, Da Pena percebe a importância de seu papel no seio da nação cujo conceito não se sabe mais se é necessário ou anacrônico, supérfluo: «Embora não conhecesse precisamente — como ninguém, aliás, — as idéias de Porreira, ele sentia melhor do que ninguém que ali, na cabeça negra daquele louco impenetrável, se escondia o umbigo da situação atual, não somente para nós, mais para o mundo inteiro» (N, p. 159). Desde o início, o narrador nos informa sobre a gravidade da situação. Enquanto Gerarquejo perscruta sua evolução psicológica e reflete sobre os meios de superar o tédio «cervejal», isto é, de «superar-se a si mesmo e, pelo arbitrário de sua maneira de agir, de premunir-se contra as possíveis imposições das potências superiores» (N, p. 28), o Terror branco de Moscou é diretamente ameaçado pelo Terror amarelo.

Mas por que os chineses inspiram tanto pavor aos poloneses drogados por espões e obnubilados pela nova mística difundida por um sábio-impostor malaio chamado Djavani? Antes de mais nada, porque são comunistas e, por conseguinte, ameaçam eliminar qualquer forma de individualismo. O coletivismo não passa de um modo de automatismo, de fordismo, de «gadização» e, em suma, de desaparecimento definitivo do sujeito, da consciência, sendo totalmente aniquiladas a vontade e a liberdade que fazem dele um ser-no-mundo no seio da Ontologia Geral. Os chineses constituem, em última análise, a própria representação do buraco negro de uma massa *ativa*, se comparada com a massa *incolor* dos poloneses, dicotomia que se traduz no plano geopolítico: «Não — realmente, a política não constava entre nós naquela época entre as ocupações mais nobres. Talvez lá, no Extremo Oriente [...], houvesse algo com razão de existir, pelo menos como mal necessário, produto acessório da gigantesca transformação dos duros crânios amarelos — a política interna, pois a política externa estava em plena ação positiva, e isso por processos desconhecidos para as pessoas do Ocidente» (N, p. 142). Encontra-se assim estabelecida uma dupla fronteira, pragmática e territorial. Ao imobilismo e ao «fantomatismo» da Polônia, Estado de alguma forma congelado, responde a praxeologia e a energia do exterior, do indominável.

No plano simbólico, o amarelo é, pois, aqui o sinal da violência positiva do outro e da eternidade. Mas é igualmente, e sobretudo, o sinal de um

dinamismo ctoniano, tenebroso (violência desta vez negativa), do desvelamento outonal da terra. Entre os chineses, como em várias outras sociedades, ele anuncia, além disso, o declínio, a aproximação da morte. No taoísmo, as fontes amarelas estão situadas nos subterrâneos que conduzem ao reino dos mortos. Amarelo é também a cor do imperador e, quando completa o negro, uma das duas cores do sangue do dragão-demiurgo do *I-Ching*, ainda segundo a distinção ativo/passivo.

A dimensão etnológica reveste-se igualmente de importância primordial na medida em que lança inevitavelmente luz sobre a polarização si/outro no contexto polonês da época. O chinês é o outro, o estrangeiro, o estranho, aquele que possui características extraordinárias. Ninguém se surpreenderá, portanto, ao ler em *A insaciabilidade* que o diabo é amarelo e que possui traços animais. Esse dualismo desenha o espaço de dicotomias (bem/mal, humano/inumano), possibilitando uma visão satânica dos invasores, a qual se elabora através dos processos habituais da deformação da realidade, da estereotipia («os chineses são sujos», «comem gatos», etc.) e da historicização do outro (ele é «o eterno inimigo»). Em outras palavras, a diferença do chinês se estrutura no nível do imaginário, o que explica que a atitude de Porreira em relação a ele seja «próxima da atitude do sagrado» e compartilhe «muitos elementos comuns com a experiência do nùmeno», momento de uma hierofania que assenta muito bem a nosso super-herói. Apoiando-nos nos trabalhos de Ludwik Stomma²³, damos conta, aliás, de que *A insaciabilidade* contém a maior parte das oposições — estúpido/sábio, preguiçoso/trabalhador, covarde/corajoso, egoísta/solidário, etc. — que estruturam as idéias camponesas sobre o estrangeiro. Mas os chineses compartilham com os sacerdotes e os rabinos o privilégio excepcional de serem considerados sábios e humanos. Em suma, como se evidencia a partir de qualquer tipologia etnológica e de qualquer simbologia, a alteridade sempre figura a ambivalência. O que explica que nossos chineses sejam «malditos mongóis», demoníacos a mais não poder e, ao mesmo tempo, «os últimos gentlemen do planeta graças a Confúcio» (N, p. 142, 225), isto é, graças especialmente ao respeito receoso e sincero que demonstram pela figura da autoridade paterna.

Como mencionei, o romance de Witkacy *contém* a maior parte das

²³*Campagnes insolites. Paysannerie populaire et mythes européens*. Trad. fr. Jacek Gasierowski e Philippe Sagant. Lagrasse: Verdier, 1986. Para minha análise, utilizo as categorias desta obra, que retoma as teses de Zbigniew Benedyktowicz, citada por Stomma nas páginas 14-17. Benedyktowicz retoma, por sua vez, para desenvolvê-las, as obras clássicas de J.S. Bystron (*Megalomania narodowa*. Warszawa: 1935) e de Rudolf Otto (*Das Heilige. Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen*. Breslau: 1917).

oposições em questão. Isso significa que, ao invés de subscrever as dicotomias, ele as inverte ou, em todo caso, as relativiza. Habitualmente, é o nós que lucra com os critérios positivos, ao passo que os outros partilham os critérios negativos. Aqui são os poloneses, e mais geralmente os ocidentais, que são estúpidos, preguiçosos, covardes e egoístas. É o que faz compreender o estatismo da Polônia e do Ocidente, que devem, por conseguinte, ser culpados por sua triste sina: «Aguardavam-se os acontecimentos, aguardava-se uma solução vinda do exterior — aguardavam-se simplesmente os chineses. Mesmo inconscientemente os membros do Sindicato da Salvação Nacional os aguardavam; não queriam responsabilidade a nenhum preço — mesmo a prisão perpétua, mas não responder por nada» (*N*, p. 62). A Polônia do início do século XXI, tal como apresentada na ficção witkaciana, não brilha por sua autonomia, por seu espírito empreendedor, como se diria hoje na língua estereotipada do neoliberalismo. É porque permaneceu hierárquica, mecânica, imóvel. Numa palavra, vive no passado, pertence a uma época transacta:

Em suma, o país permanecera sob certos aspectos congelado no estado em que se encontrava antes da cruzada antibolchevique. As porcarias políticas se haviam galantinizado e essa galantina, regada presentemente com dinheiro «bolchevique» estrangeiro, permanecia bem firme e assim tudo prosseguia sob uma aparência totalmente fascisto-fordiana, mas, na verdade, tudo permanecera como no tempo antigo, ao passo que além da fronteira oriental se desencadeava uma briga inaudita. O «perigo amarelo» (quem sabe, talvez o maior perigo em nosso globo tedioso) passara do domínio dos mitos desprezados ao da realidade sangrenta, cotidiana, «incrível-mas-verdadeira». Nada podia abalar nosso país em sua defesa heróica da idéia nacional no sentido antigo, quase pré-histórico, isto é, do século dezenove, frente ao dilúvio da Quinta ou Sexta (os mais velhos já não se lembravam) Internacional. Mas o sindicalismo, quer operário, soreliano, quer americano-fascisto-intelectual, não é um negócio qualquer. Quanto tempo passara desde aquela época! A Polónia era como sempre a «redentora», a «fortaleza», o «abrigo» — pois há séculos era nisso que consistia sua missão histórica. Por si mesma ela não era nada — foi somente sacrificando-se pelos outros (essa ideologia estava profundamente arraigada em todo o mundo) que começou a existir verdadeiramente em si mesma (*N*, p. 61-62).

Vários elementos podem aqui interessar-nos. Até um leitor que ignore os dados genéticos de base do desenvolvimento literário e social polonês reconhece os vestígios de uma tensão entre o romantismo nacionalista e o

cosmopolitismo do qual Witkacy foi, contra seu pai e com Schulz e Gombrowicz, um dos maiores apóstolos. Esse debate, enxertado nos dolorosos desmembramentos da Polônia — mas que na realidade remonta à constituição, durante a Renascença, do etos da nobreza (a *kultura szlachecka*, da qual um dos princípios-chaves é justamente o individualismo²⁴) —, deve ser avaliado em função da posição ambígua do país: pertencendo geograficamente ao Leste, sempre serviu de fortaleza para o Oeste, sem que este jamais se tenha preocupado com seu destino. Já sob os Piast (séculos X-XIV), o território se estendia até além do Dniéper, indo até as fronteiras dos nômades da Ásia. A Polônia constituía então, como continuará a fazê-lo ao longo de toda sua história, a linha divisória entre o Ocidente e o Oriente. Adotando o catolicismo romano, torna-se a «fortaleza do cristianismo» contra a ortodoxia oriental.

O trabalho de proteção (dever-se-ia dizer antes esse papel ingrato de pára-choque) comporta, à parte o hipócrita reconhecimento simbólico, mais inconvenientes do que vantagens, e a Polônia não pode vangloriar-se de ter sido defendida com muito vigor por seus «aliados». Uma das principais desvantagens consiste na implantação de um discurso determinista que entrava toda dinâmica sócio-política. É o que Witkacy chama «a ideologia do fortalecimento», ideologia heróica cujos efeitos entrópicos levam a enfraquecer progressivamente todas as resistências identitárias. Perante a cinética chinesa, a Polónia da *Insaciabilidade* se refugia numa complacência e num rastejismo nobiliárquicos assentados na «galantina» ou, dito de outra maneira, num epicurismo de baixo quilate.

O motor dessa fixidade letal é, evidentemente, a idéia de Nação. Enquanto a princesa Firina considera essa idéia indispensável, Gerarquejo sustenta que ela é ineficaz e retrógrada no contexto das mudanças radicais que se delineiam no horizonte da Nova Ordem Mundial. Na verdade, além da Nação, é a própria pertinência do conceito de sociedade para articular o viver-juntos que passa a estar sujeita a caução. Gerarquejo sente, portanto, a necessidade de desmascarar aqueles e aquelas que fazem da resistência passiva um instrumento de defesa de seus interesses de classe: «Qualquer acordo entre a nação e a sociedade como tal é impossível. E malgrado todo o caráter desesperado da situação, fazeis questão de perecer nestas novas Fortalezas da Santíssima Trindade — mas sem Deus, eis toda a arte. E vossa trindade é a vontade de gozar a qualquer preço, a vontade das simples aparências do poder ao preço de uma lambida da pata suja (para vós) do

²⁴A esse respeito, ver Norman Davies. *God's Playground. A History of Poland*, v. I - *The Origins to 1795*. New York: Columbia University Press, 1982, p. 201-255.

proletariado, e a vontade da mentira como única força criadora — eis vossas idéias» (N, p. 259). Gerarquejo identifica imediatamente — teve bons professores — a função libidinal da hipocrisia e do simulacro. Consolidado em sua própria experiência e na herança multilíngüe de seu país, mostra a necessária inutilidade da idéia de Nação, literalmente prostituída em rituais (procissões, cerimônias, discursos, etc.) regressivos voltados para um passado pré-histórico. O imobilismo é tal que o filho adotivo de Porreira diz estar sufocando de vergonha por sua nação e que os chineses receiam até passar as fronteiras pantanosas: «Por que os chineses pararam?, pergunta-se a princesa». Se a pergunta pode surpreender, a resposta roça a evidência: «Porque têm medo da Polônia, têm medo de que aqui, neste país de conchavos, sua força voe em estilhaços, mesmo temporariamente, de que seu exército se dissolva à vista deste país venturoso sem nenhuma pseudo-idéia bolchevique» (N, p. 259). Mas Gerarquejo não é homem de conchavo. A seu ver, a nação e a sociedade são conceitos e entidades mutuamente exclusivos. Assiste-se assim à inversão característica da ilusão política: o outro absoluto, o Outro, no caso os chineses, passa do mito à realidade sem que tal passagem seja nitidamente reconhecida na economia narrativa do político (salvo, aqui, pelo narrador metadieético) e a Polônia toma seus mitos e os do outro pela realidade. De fato, tudo se passa como se a Polônia não adquirisse sua coerência e sua subsistência significantes a não ser da China, a não ser na ordem do imaginário. Ela não teria então existência política a não ser pelo Outro, o qual lhe forneceria uma essência de substituição. Ter-se-ia com isso a explicação: 1º da hesitação chinesa em transgredir o que faz sua força, a saber, a escravidão da fortaleza; 2º da dificuldade da Polónia em ver os movimentos, reais ou virtuais, de seu inimigo. Enquanto figura da alteridade, os chineses marcam, pois, uma *linha* na medida em que indicam a direção de uma gnoseologia. As palavras *China* e *chinês* são na realidade o significante de uma busca do sentido do mundo e de si. É a razão pela qual Witkacy nos faz passar do filho ao Pai, do Indivíduo ao Estado. O general é, com efeito, a pessoa mais bem situada para estimar corretamente as paradas estratégicas de uma batalha na qual seriam disputadas as fronteiras, o que implica um novo princípio de divisão entre o aqui e o alhures, entre o mesmo e o outro.

Como Gerarquejo, Porreira tampouco é homem de compor acordos colocando em perigo as grandes Existências Particulares. Ele busca a carne do mundo: «queria a verdade, mas sangrenta, fumegante, trêmula» (N, p. 140). Em outros termos, recusa as mediações e só quer tocar a matéria crua, selvagem, em estado bruto. Sonha com uma superbatalha, de dimensões épicas, na qual daria provas sua superioridade sobre o gênero humano. Toda a questão é então saber qual é sua estratégia militar. Pois, cabe ressaltá-lo, seus próximos (se é que esse termo tem alguma significação

para tal supermônada coprofágica) paracem ignorar suas intenções.

Dois elementos-chave aparecem, porém, na leitura. Primeiro, a necessidade de uma aceleração da história. É preciso apressar o fim do mundo, de sorte que o Chefe possa explorar a carga explosiva de seu povo, bem como a sua própria. A seguir, a necessidade estética: que venha enfim o apocalipse, o desvelamento do sexo do mundo, isto é, da feminidade, mas com a força da beleza. Para atingir essas metas, é todavia incontornável uma exigência política: a redução da Multiplicidade à Unidade, do Outro a si, numa espécie de narcisismo sideral: «ele [Porreira] queria que este povo em seu todo fosse uma só personalidade, e tão poderosa quanto ele próprio: uma máquina aperfeiçoada com a maior precisão até o último pequeno parafuso e a última pequena porca, mas ao mesmo tempo livre como é aparentemente livre uma nuvem sem preocupação na safira azul-escuro do espaço» (N, p. 278). Dir-se-ia que estamos ouvindo um filósofo das Luzes fantasmando uma mecânica que rege o funcionamento do universo. E, de fato, o General não está longe de se tomar pelo próprio Deus ou, pelo menos, de planejar um combate ao final do qual, como o Presidente Schreber, assumiria o lugar de Deus tornando-se mulher²⁵. Poder-se-ia

²⁵Em suas «Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)», isto é, sobre as *Memórias de um doente dos nervos* redigidas por Schreber e publicadas em 1903, Freud cita o julgamento baseado no qual o doente readquire sua liberdade: «Acreditava que tinha a missão de redimir o mundo e restituir-lhe o estado perdido de beatitude. Isso, entretanto, só poderia realizar se primeiro se transformasse de homem em mulher.» Palavras confirmadas pela perícia do médico do asilo, o doutor Weber: «O ponto culminante do sistema delirante do paciente é sua crença de ter a missão de redimir o mundo e restituir à humanidade o estado perdido de beatitude. Foi convocado a essa tarefa, assim asseverava, por inspiração direta de Deus, tal como aprendemos que foram os Profetas». In: *Obras psicológicas completas* (ed. Standard brasileira), v. XII. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 31-32. O elo entre a paranóia religiosa e a transformação em mulher atravessa uma boa parte da *Insaciabilidade*, embora ainda não tenha sido analisado. Por exemplo, no momento em que Porreira dá pontapés em sua ordenança, Gerarquijo fixa o olhar nos pelos da «orelha carnuda e um tantinho semítica» de seu Pai. Comenta o narrador: «Quejinho [...] havia visto a orelha... Ser até uma mulher, para poder ...-lo, lhe, lhee...» (N, 283-284). Da última citação, omiti este fato capital: a ordenança sopra na orelha do Chefe o nome de Gerarquijo, mas este não o ouve. Fato capital por causa do elo entre a orelha e o sexo no horizonte de Deus e do apocalipse. Não podendo deter-me aqui num trabalho que requereria por si só uma obra considerável, contento-me em citar Jacques Derrida: «Como lembra André Chouraqui em seu breve *Liminar para o Apocalipse* joanino [...], a palavra *gala* volta mais de cem vezes na Bíblia hebraica. E parece dizer efetivamente o *apokalupsis*, o descobrimento, o desvelamento, o véu levantado sobre a coisa: em primeiro lugar, se assim se pode dizer, o sexo do homem ou da mulher, mas também os olhos ou as orelhas. Chouraqui precisa que 'se descobre a orelha de alguém levantando os cabelos ou o véu que a cobre para sussurar nela um segredo, uma palavra tão escondida quanto o sexo de uma pessoa. YHWH pode ser o agente desse descobrimento'» (*D'un ton apocalyptique adopté naguère en philosophie*. Paris: Galilée: 1983, p. 12-14).

resumir sua estratégia com uma palavra: a ereção, único meio de lutar contra a detumescência do tecido social polonês:

Tudo era tão magnífico, magnífico de doer — a espuma de sua boca espiritual espumante de felicidade transbordava as bordas do mundo. E era ele quem fizera aquilo, aquele escuro falo robusto de uniforme de general constelado de decorações. A música [a de Szymanowski] dilacerava as tripas em forma de bandeiras, estandartes e pavilhões celestes em honra daquele homem quase inominado — «Porreira» era um signo para as pessoas, ele próprio não podia dar-se um nome, era único. Sua Unicidade não necessitava de nome — ele era, e isso bastava. Mas será que ele era? Deus! Afasta de mim este tormento... Talvez ele sequer exista?... Mas sim, ele é, ele é! [...] O que devia então acontecer com as mulheres!! Dá calafrios só de pensar. Após a passagem de Sua Unicidade na rua, todas deviam mudar de calcinha como uma só mulher. Marulhava-lhes na entreperna em sua adoração de cadelas (N, p. 284-285).

A vertigem da dúvida ontológica só é comparável à da lubricidade maníaca que invade o texto e a rua. Ao verem desfilar Seu Falo ereto em todo o seu esplendor, as mulheres acabam num só e único orgasmo vaginal fluvial, como se não houvesse mais do que uma imensa e gigantesca xoxota ardente. Quando esporra com tal vazão, os sinais de reconhecimento — os da nacionalidade, as bandeiras e os estandartes mais especialmente — só podem ser carregados pela corrente. Tão sexy quanto Elvis Presley ou Stálin, Porreira faz gozar enquanto Signo-Uno, por não poder desdobrar-se e permanecer Tudo. É por isso que não pode dar-se um nome, o Ser + o nome = pelo menos 2, o que já não é mais o Único. Como realmente poderia um falo estrelado, fantasiado, levantar duplo? Como poderia o signo dar nome sem se forcluir como fetiche adorado? Se esporra, é porque *isto* pode ser reconhecido como signo sem nome, ou quase. Como um deus, como Deus.

Resta saber se Erasmo-Orgasmo possui conteúdo penetrável ou se é apenas um vulgar gaudemichê («vulgar»?... a Durand, em Sade, servir-se-ia de ossadas para fabricar gaudemichês...). Aqueles e aquelas que ele faz gozar não parecem realmente tocá-lo. À parte sua filha, sua mulher, sua mona e sua cadela, ele só vê números, e a sociedade e o povo não passam em sua cabeça de um amontoado informe um tanto lamacento. Por inspiração divina, sua presença no coração do Estado constitui por si só um elogio à loucura. É vão, portanto, procurar nele uma filosofia do viver-juntos ou um pensamento da cidadania: «O ativismo social não representava senão a base de um grande programa guerreiro, mas, no fundo de sua

consciência, considerava-se o grande profeta da humanidade, um profeta sem idéias» (N, p. 298). É dessa ausência que tira sua força, e ninguém pode penetrar seus planos secretos. Porreira anuncia, mas jamais desvela seus planos.

É justamente isso que parece perturbar o inimigo: «Pela primeira vez desde a partida de Pequim, o mandarim Wang e seu conselheiro japonês Fudsujito Johikomo estavam um tanto perplexos. Nenhuma informação sobre o sistema de defesa. Nenhum espião nada pudera» (N, p. 460). Se ninguém pode nada, é simplesmente *por não haver plano*. No momento de entrar na história travando a grande batalha, o general parte como vencedor. Em princípio, pois o destino está à espreita. A catástrofe assume feições de tragédia grega. Eis por que, contra qualquer expectativa — ou, na realidade, segundo todas as previsões, todos os cálculos —, a guerra de Tróia não se realizará, em nome da humanidade. Quando o combate vai se travar, o leviatã lança os sinais de rendição. A Polônia é desmistificada, já não será a fortaleza do Ocidente. Colocar-se-á doravante a serviço de uma outra causa: «Ele tinha a impressão de haver cumprido um sacrifício simplesmente monstruoso de sua própria ambição em prol da humanidade, um sacrifício maior que o de Napoleão em Waterloo» (N, p. 472). O falo que fazia gozar abate-se na Multiplicidade, na humanidade-fêmea, aquela multidão que ele havia atravessado. Por maior que ele possa ter sido, a China lhe ensina a humildade, Pequim, a pequenez.

Uma vez assegurada a capitulação da Multiplicidade, faz-se mister agora assegurar a decapitação de sua Unicidade, e disso se encarrega o marechal Wang-Tang-Tsang sob o comando do general Ping-Fang-Lo. Perder a cabeça é optar pela loucura ou pelo que Witkacy chama alhures de «doideira tropical». Estar desmembrado é aceitar transpor a fronteira entre o privado e o público, entre o ego o outro, entre a Unidade e a Multiplicidade. Quando o falo perde a cabeça, o mundo constata que ele de fato não passava de um gaudemichê e que só levantava duro porque levantava oco, só resistia para relegar à sombra de sua solaridade intempestiva o momento da psicose pós-erétil. Acéfalo e sem tecido como a Polônia. Talvez o falo velasse o mesmo Mistério que o asiático sorriso da Joconda.

Traduzido do francês por Ignacio Antonio Neis e o autor